

SEBASTIÃO FEYO DE AZEVEDO

Reitor da Universidade do Porto



“Grande desafio será garantir a sustentabilidade económica e financeira”



Aos 64 anos, Sebastião José Cabral Feyo de Azevedo é, desde junho de 2014, o 18.º reitor da Universidade do Porto (UP), estabelecimento de ensino fundado em 1911. Enquanto diretor da Faculdade de Engenharia da UP, venceu as eleições à segunda volta, tendo sido escolhido entre os candidatos António Fernando Silva (diretor da Faculdade de Ciência), João Proença (diretor da Faculdade de Economia) e Rajesh Arora (professor indiano de fora da academia).

O programa de ação que apresentou, e defende, fala em *“Antecipar o futuro, ousar a mudança”*. Ao longo de um ano procurou cumprir a sua missão de manter o valor da centenária Universidade do Porto, apesar das dificuldades de financiamento e do quadro recessivo. Em entrevista à Mais Norte defendeu a necessidade de uma visão reformista e de mais rigor organizacional. É por isso que diz que é preciso ter os “pés na Terra” porque o grande desafio será garantir a sustentabilidade económica e financeira de uma instituição fundada em 1911.

LILIANA LEANDRO

liliana.leandro@maisnorte.pt

Sebastião Feyo de Azevedo iniciou a atividade na Universidade do Porto em 27 de junho [de 2014], um início de mandato que, lembra, “coincidiu com o pico da crise imensa nesta conjuntura de austeridade dos últimos quatro anos” em que o país esteve mergulhado. Foi um período de “**adaptação e aprendizagem**” e de muito trabalho com toda a comunidade, as faculdades e os centros de investigação, com os quais foi traçado o plano de atividades com 179 medidas que a equipa de Feyo de Azevedo se propôs cumprir.

Este é um plano a quatro anos. Sobre ele, no final, responderá publicamente. Para já, e em análise à primeira metade do mandato, desde que tomou posse, Feyo de Azevedo assume que “**a atividade da U.Porto, como das instituições do ensino superior e da investigação em geral, foi dificultada por cortes muito significativos no financiamento público, por restrições muito grandes na gestão de recursos humanos, pelo agravamento da burocracia, pela redução da autonomia universitária e**

pelas insuficiências do regime jurídico que regula o ensino superior”.

“O Orçamento de Estado de 2015 foi reconhecidamente o mais complexo e limitativo dos últimos anos”, destaca o novo reitor que, apesar de todos estes constrangimentos, se assume “**muito tranquilo**” relativamente ao cumprimento da sua missão institucional, até porque, garante, a Universidade do Porto não deixou de “**cumprir cabalmente a sua missão institucional, tendo sido capaz de acrescentar valor ao seu ativo**”. Em causa estão o trabalho a nível da formação académica, da investigação científica e de uma área de importância crescente que designa como terceira missão da universidade. É aí que inclui atividades relacionadas com a valorização económica do conhecimento, mas também atividades culturais e de dimensão social, de que o voluntariado é uma vertente importante.

Simultaneamente, e mesmo num contexto económico recessivo, a Universidade do Porto manteve a sua capacidade de atrair

os melhores estudantes tendo, no último ano letivo, sido “**novamente a instituição mais procurada no concurso de acesso ao ensino superior e com média mais elevada de classificações mínimas de acesso**”. Uma procura que se alia não só à subida de posições nos rankings académicos internacionais mas também a uma “**boa avaliação das suas unidades de Investigação e Desenvolvimento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia**”.

Este reconhecimento e capacidade de atração de estudantes e investigadores dos mais variados contextos e países devem-se, para o reitor, à “**qualidade percebida pela sociedade relativamente à forma e ao sucesso da Universidade do Porto no cumprimento da sua missão pública**”. Entre os fatores diferenciadores daquela unidade de ensino, destaca a qualidade da oferta formativa, a capacidade de investigação, desenvolvimento e inovação, o nível de internacionalização, o protagonismo cultural e artístico, a dinâmica empreendedora, a abertura à comunidade, a



Fotos: U.Porto

“ Difícilmente os próximos anos trarão um aumento substancial das transferências públicas

qualidade das infraestruturas e a abrangência dos serviços de apoio ao estudante.

“A realidade é que construímos e consolidamos ao longo dos anos um ecossistema académico multidisciplinar, de grande qualidade, de dimensão internacional em que se promove o esforço e em que haverá uma certa emulação saudável”, assinala.

Universidades e empresas parceiras

Com mais de 30 mil estudantes inscritos, 14 faculdades, 663 cursos e 35 licenciaturas, o “maior problema” da Universidade do Porto prende-se com o futuro dos seus alunos que, não raras vezes, acabam por se debater com situações de desemprego e baixos salários. Para o reitor, a única saída é o desenvolvimento económico, enquadrado por medidas socialmente justas. “Não é solução dizer aos jovens que não estudem. Pelo contrário. Neste quadro, é essencial que sejam tomadas medidas para que o potencial científico e tecnológico de Portugal se projete, se reflita no trabalho do tecido empresarial, nomeadamente com a contratação de doutorados, como forma de potenciar o nosso desenvolvimento económico”, realça.

É por isso que, defende, “universidades e empresas devem ser parceiras na valorização socioeconómica do conhecimento”, com ganhos de qualificação de ambas as partes. Por um lado, as universidades adquirem sobretudo know-how técnico, meios de financiamento e acesso direto ao mercado de trabalho. Por outro, as empresas reforçam a sua competitividade com atividades de Investigação e Inovação e com recursos humanos qualificados, tecnologia de ponta e conhecimento especializado.

Por outro lado, Feyo de Azevedo sustenta que o país continua a precisar de recursos humanos qualificados para consolidar um modelo de desenvolvimento baseado no conhecimento e lembra que o nível de formação dos recursos humanos de Portugal é um fator de atração e investimento direto estrangeiro. “Com mais licenciados e mestres, todo o tecido social, no que se incluem naturalmente as empresas, terá melhores condições para apostar no desenvolvimento pelo conhecimento, na racionalização da organização e na inovação e, a partir daí, desenvolver bens

ou serviços de alto valor acrescentado, ser globalmente mais produtivo”, atesta, lembrando as “muitas apreciações e estatísticas que se vão fazendo,” e que “demonstram bem que um cidadão mais qualificado apresenta maiores possibilidades de encontrar emprego e de esse emprego ser bem remunerado”.

Independentemente da necessidade de recursos humanos formados, Feyo de Azevedo critica, sim, a oferta formativa da globalidade das instituições nacionais que talvez não seja a mais interessante para os cidadãos e para Portugal. Defende, por isso, que se avance para uma diversificação da oferta de formação dirigida aos jovens de 17-18 anos que deve dar resposta à diversidade de motivações, apetências e competências. Mesmo no Norte – região que considera estar “bem servida de universidades e politécnicos, bem como de unidades de investigação, institutos de interface e centros de inovação” – acredita que seria útil ter “mais oferta a nível da formação pós-secundária curta”.

Sustentabilidade económica

A nível nacional, o reitor da Universidade do Porto acredita ser necessária uma “visão reformista forte, decidida, que vença as barreiras do imobilismo dos interesses instalados”, reforma essa que deve chegar a todos os níveis, incluindo universidades. Em Portugal, diz, falta evoluir



- Sebastião Feyo de Azevedo nasceu a 01 de junho de 1951 na cidade do Porto.
- Licenciou-se em Engenharia Química em 1973.
- Concluiu o Doutoramento em 1982 na Universidade do País de Gales (Reino Unido).

culturalmente “num sentido mais europeu” e atingir um “maior rigor organizacional e uma maior perceção da qualidade” das atividades nacionais. “Nós temos capacidade humana para sermos competitivos nesta evolução do digital, mas seja claro que tal exige adaptação de muitos métodos de trabalho, tal exige uma nova cultura”, sublinha.

Sobre o Governo, e a administração central, fala de “espírito de cooperação” tendo em vista a “consensualização de soluções para os problemas do ensino superior”. Sobre o novo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, afirma ter sido uma nomeação “muito positiva” de “um colega respeitado” e de “uma pessoa muito conhecedora do ensino superior e da investigação científica, com experiência de governação”.

Ainda assim, diz que é preciso ter “os pés na Terra” já que “dadas as dificuldades económicas do país e o excessivo endividamento do estado, dificilmente os próximos anos trarão um aumento substancial das transferências públicas para o ensino superior”.

“Teremos certamente que ter sempre muito presente a necessária sustentabilidade económico-financeira da instituição”, defende. Acredita, contudo, que há várias políticas e medidas que podem ser adotadas em prol do desenvolvimento e que vão para além do “necessário reforço de verbas”. São elas o reforço do modelo fundacional e de governação mais integrada das instituições, uma estratégia para o aumento da competitividade, fomentando a inovação e o empreendedorismo, entre muitas outras. Medidas que podem amenizar o subfinanciamento do ensino superior, a par de captação de fontes de financiamento alternativas, de um bom planeamento estratégico e de uma gestão responsável, rigorosa e transparente.

“Uma gestão que terá que ser vista e percebida numa perspetiva integrada da instituição, o que exige certamente a consolidação de uma cultura de participação responsável de todos os parceiros internos”, salienta.

Atentos e vigilantes às políticas da tutela

Mesmo que se assuma disponível para colaborar com o novo ministro, Feyo de Azevedo lembra que compromisso não retira capacidade de crítica construtiva ou poder de reivindicação política, prometendo, por isso, permanecer atento e vigilante às medidas da tutela, de forma a defender as políticas entendidas como as “mais interessantes para a Universidade do Porto, para todo o ensino superior e para a investigação científica nacional”.

Até ao final do mandato quer cumprir o plano a que



se propôs. Um plano que tem, como grande desígnio, a consolidação de padrões de qualidade reconhecidos nas várias áreas de intervenção da Universidade do Porto. Ao mesmo tempo, Feyo de Azevedo promete reforçar a cooperação a todos os níveis: local, regional, nacional e internacional. Exemplo disso é o consórcio com as universidades do Minho e Trás-os-Montes cujo objetivo é o de “promover o desenvolvimento institucional, regional e nacional através da cooperação entre as instituições”.

“O estabelecimento de parcerias garante maior escala, massa crítica e recursos para que as três universidades desempenhem cabalmente as suas competências ao nível do ensino, da investigação, da inovação, do pensamento e da criação artística, sem beliscar a autonomia de cada instituição”, explica o reitor da Universidade do Porto para quem o consórcio UNorte.pt é um meio para melhorar procedimentos e “enfrentar quer a acesa competição global no ensino superior e na investigação, quer a redução do financiamento público das instituições”.